

ENTREVISTA AO DIÁRIO DE NOTÍCIAS

DN - Como será o futuro de Portugal após este ano de tantas mudanças?

MS - Foi realmente um ano horrível e de bastantes mudanças mas o mais importante é que caímos numa crise profunda, que se está a reflectir em todos os cidadãos portugueses. E que foi o resultado de uma situação que se tem vindo a espalhar por toda a Europa. Neste momento, há a teoria de que os mercados podem dominar os Estados, o que é um absurdo, visto que os Estados é que devem dominar os mercados. Como não é assim que se passam as coisas, a situação está a pôr em causa o euro - a moeda que era a mais forte de todas – e a própria sobrevivência da União Europeia tal como ela foi pensada, sentida e lançada pelos pais fundadores da Europa.

DN - Que culpas particulares temos no regresso, pela terceira vez, do FMI a Portugal após o 25 de Abril?

MS - Temos culpas particulares, com certeza, mas a verdade é esta: o FMI veio este ano de uma maneira muito diferente porque foi acompanhado com outros representantes, os do Banco Central Europeu e os da Comissão Europeia, o que significa que é uma troika variada em que os seus elementos não se entendem totalmente bem uns com os outros, devido às posições diferentes que têm.

DN - Uma realidade diferente expressa até nos elevados juros que pagamos a cada uma destas entidades!

MS - Entidades que não têm uma estratégia em comum, e nem é só para Portugal ou só para a Grécia, estando a jogar um pouco como moscas tontas.

DN - Não se pode avançar que têm uma estratégia de rigor orçamental para, numa fase seguinte, terem uma estratégia muito mais económica?

MS - Isso é o que é fácil dizer mas não é o que está a suceder, porque não têm a

possibilidade de afirmar que vai ficar melhor para o ano. Esse é o grande problema que nós estamos a viver, bem como toda a Europa.

DN - Não acredita que esta disciplina orçamental é a condição *sine qua non* para, numa segunda fase, a Alemanha e a economia alemã poder respaldar a zona euro doutra forma?

MS - Se a União Europeia mudasse de paradigma e de política geral, poderia verificar-se isso. Mas não muda e, não mudando, vamos ter mais recessão do que a deste ano e mais desemprego ainda do que se verifica agora, que é muitíssimo.

DN - Será o resultado do caminho que está a ser seguido?

MS – Julgo que sim. Tenho muito receio que seja assim.

DN - Mesmo depois desta última cimeira da União Europeia?

MS - Penso que nesta cimeira, para alguém que sempre foi como eu um europeísta e partidário da Europa, o facto de o Reino Unido ter saído, nada atrapalha. Afinal, o Reino Unido sempre esteve com um pé na Europa e outro na América. Só que o pé na América era mais firme do que aquele que estava na Europa. E sempre teve uma posição de querer que a Europa não fosse aquilo que é o projecto europeu, que é essencialmente político, de paz, de justiça social e depois económico, não apenas um projecto de uma associação de livre câmbio. Uma espécie de EFTA [Associação Europeia do Livre Comércio] em ponto grande. Isto não representa o projecto europeu, que é um projecto político, de democracia e de solidariedade entre os Estados, realidade que está a ser posta de lado, paulatinamente, e quase sem se dar por isso. O que é péssimo e não vai dar nada de bom.

DN - Mas serão só os grandes, como Angela Merkel ou Nicholas Sarkozy, que estão a pôr esse desígnio político de lado ou é uma atitude doutros países também, designadamente de Portugal?

MS - Quase todos os governos europeus são ultraconservadores, excepto agora o da Dinamarca, mesmo que de forma pouco significativa. Ora, foram sempre duas famílias políticas que fizeram a Europa: a democrata cristã e a socialista ou social democrata. A

família socialista foi, de alguma maneira, “colonizada” – desde o tempo de Tony Blair – de maneira a integrar-se na visão economicista que têm alguns americanos – o que foi uma tragédia para o socialismo europeu. Por outro lado, os democratas cristãos baseavam-se na doutrina social da Igreja, com regras que permitiam aos dois partidos estarem de acordo para fazer, por exemplo, coisas como o Serviço Nacional de Saúde, dar razoáveis salários aos trabalhadores, terem contrapartidas com o mundo do trabalho muito grandes, fazerem a concertação social, etc. Só que essa realidade desapareceu e em nenhum Estado existe democracia cristã, mas sim os PP, partidos populares, muito neo-liberais.

DN -Porque é que a opinião pública europeia está a respaldar essa visão mais liberal...

MS - Mais liberal não, totalmente liberal! Ou melhor: neo-liberal e economicista.

DN -Porque esta deriva está a ter respaldo democrático?

MS - Sim, está a tê-lo democraticamente. Às vezes há dessas questões, de a democracia nem sempre ser perfeita. De há uns tempos a esta parte, têm vindo a acontecer que sejam sempre os partidos conservadores e populistas a ganhar terreno. Mas não quer dizer que continuem assim nos próximos cinco anos.

DN - Também é dos observadores que consideram a posição de Portugal muito seguidista em relação a este eixo franco-alemão?

MS - Acho que sim, designadamente o actual Governo.

DN - E deveria este Governo ter uma posição diferente?

MS - Acho que sim. Mais equilibrada. Austeridade sim mas com crescimento e luta contra o desemprego.

DN - Teria espaço político e económico?

MS - Acho que aquilo que tem dito a troika não é uma bíblia. Em primeiro lugar, como já o disse, porque não se entendem entre si. Em segundo lugar, porque dizem o que lhes

mandam dizer e não são pessoas que tenham um nível extraordinário, a não ser nos seus honorários, pois ganham muito bem. Fora disso, não têm nada. Até houve um nosso banqueiro que disse uma coisa a que achei muita graça: “O que é que representam esses senhores? Representam muito pouco”.

DN - São funcionários.

MS - Mas funcionários muito bem pagos, sem grande ou nenhuma orientação política, mas talvez bons contabilistas.

DN - Que espaço é que temos neste momento para negociar o memorando com a troika sem colocar em causa a nossa posição?

MS - Um espaço muito razoável, se houver bom senso. Afinal, desde então, mudou muita coisa. Desde que se assinou o primeiro pedido de entrada de capital para Portugal, que foi o que fez cair o anterior Governo – lembram-se? - as regras da troika têm sofrido alterações e vão modificar-se ainda, sem a menor dúvida!

DN - Se tivesse hoje funções executivas...

MS - Não tenho!

DN - ... Achava que tinha o quadro para renegociar?

MS - Felizmente não tenho e não posso, por isso, responder a esta pergunta. Mas é o que eu sinto.

DN - Angela Merkel achava que o PEC IV era suficiente.

MS - Antes mesmo do PEC IV! Houve nisto uma questão que não está dita, é que no final do anterior Governo, Sócrates cometeu o grande erro de não ter avisado o Presidente da República portuguesa. Foi isso que o deitou abaixo, tal como o não ter avisado o seu principal concorrente, o líder do PSD.

DN - Foi um erro ou foi uma estratégia?

MS - Foi um erro. Estratégia não, porque se viu que resultou exactamente no contrário. Ele tinha negociado com a senhora Merkel e, obviamente, também com o obediente senhor Sarkozy. Sócrates tinha negociado um acordo, que não passava por uma troika mas por um acordo que já estava assumido. E como houve esses dois erros - por isso é que foram grandes erros - as coisas complicaram-se. Houve o discurso do Presidente, que estava muito zangado; depois demitiu-se o primeiro-ministro Sócrates que teve de aceitar a primeira fase da troika. E aí não podia fazer outra coisa por uma razão simples. Muitas pessoas me procuraram para falar comigo nessa altura. Diziam: estamos à beira da bancarrota, uma coisa horrível... E disseram-me, o que eu verifiquei ser assim, que em muitos sítios da província estava a haver uma pequena corrida aos bancos e havia instituições que, na altura, já não tinham capital para pagar. Em vários sítios do País. Seria uma tragédia porque se se verificasse uma verdadeira corrida aos bancos, teríamos que ficar numa situação de bancarrota, como se chama.

DN - Mas os banqueiros não ficaram bem servidos com este negócio com a troika.

MS - Uma coisa de cada vez. Em relação a isto, houve uma situação difícilíssima e posso dizer que o primeiro-ministro Sócrates foi talvez a última pessoa a aceitá-lo. Estive naquela manhã inteira com ele, a tentar convencê-lo de que tinha de pedir auxílio senão seria a bancarrota. Ele resistiu toda a manhã. Estava muito angustiado, porque tem um sentido patriótico muito grande e estava convencido que tinha conseguido resolver o problema com a Senhora Merkel. Mas dada a situação interna tudo se complicou. E, então, estava realmente muito desagradado. Quando me vim embora, saí com a certeza de que não o tinha convencido. E realmente não tinha.

DN - E soube pela comunicação social?...

MS - Pois soube, porque o ministro Teixeira dos Santos fez a declaração que fez e já não era possível voltar atrás. Tenho muita consideração pelo ministro Teixeira dos Santos, que foi um homem que fez o seu caminho, com muita seriedade e patriotismo. Isso foi tudo antes, depois de o professor Cavaco Silva convidar os ex-presidentes a irem a Belém para, de algum modo, apaziguarem os ânimos.

DN - Como é que explica que esse período da vida política portuguesa em que José Sócrates foi primeiro-ministro e Teixeira dos Santos ministro das Finanças seja observado de uma forma excessivamente crítica pela opinião pública em Portugal?

MS - Sócrates sempre teve má imprensa e sabem muito bem que a imprensa é muito importante nestas coisas. E que, às vezes, é ela própria manipulada e faz coisas que não deve.

DN - Então, foi mal apreciado nestes anos de crise?

MS - De uma maneira geral, foi. Nunca ninguém foi tão combatido, até hoje, como ele. Eu fui três vezes primeiro-ministro e nunca fui tratado, nem nada que se pareça, como Sócrates foi.

DN - Pedro Passos Coelho está a ter melhor imprensa?

MS - Passos Coelho, por enquanto, ainda está naquele período que se chama estado de graça... Como viu as sondagens de há poucos dias, está ainda acima – já a poucos pontos – de António José Seguro. E eu que vou a muita parte, viajo bastante no País e falo com muita gente - agora com o meu último livro ainda mais – tenho a percepção que começa a haver uma situação para muita gente insuportável... Como é que hei-de dizer? As pessoas estão muito angustiadas com o que vem aí e, quando lhe dizem que daqui a 20 anos ainda vamos estar pior, isso não é nada animador.

DN - A Presidência da República também não proporcionou grande estado de graça a Passos Coelho!

MS - Isso não sei. O que sei é que aquilo que o Presidente da República tem dito até agora, nos últimos tempos, é prudente. Não creio que tenha ultrapassado os limites da prudência.

DN - Como é que olha para os primeiros tempos da liderança de António José Seguro no Partido Socialista?

MS - António José Seguro tem-se saído muito bem naquilo que tem feito e dito. Acho que

não poderia fazer outra coisa senão ter-se absterido de votar no Orçamento de Estado. O contrário seria um desaire para o seu antecessor e para o PS.

DN - Daqui para a frente, Seguro terá mais espaço para marcar as diferenças?

MS - Sem dúvida que à medida que vai ganhando solidez na sua posição – e está a ganhá-la – vai ter muito mais espaço de manobra.

DN - Porque é que as várias sensibilidades dentro do PS estão a minar a sua imagem pública?

MS - Isso das sensibilidades é uma coisa de que se fala muito desde sempre, e no tempo em que eu era secretário-geral também o diziam e faziam grandes problemas disso. Só que tem pouca consistência. É mais uma impressão jornalística, que não tem grande sentido. Nem vejo que haja, neste momento, um grupo de socialistas organizados para estarem contra o secretário-geral.

DN - Nem crê que fosse positivo?

MS - Não creio. Porque sendo o secretário-geral eleito com tão grande maioria não era sequer sensato fazê-lo. Nem para o Partido, nem para o País.

DN - José Sócrates tem falado muito pouco mas o que diz desde Paris faz moosa?

MS - Não. Acho que, pelo contrário, tem sido muito prudente, como deve ser. Foi convidado para ir a Poitiers fazer uma conferência, o que é bom. Está no Instituto de Ciências Políticas, em Paris, a fazer a sua vida intelectual e académica. Fizeram-lhe umas perguntas e foi então que apareceram nos jornais portugueses, algumas palavras que foram criticadas. A meu ver, sem razão. Sócrates tem a consciência perfeita da situação que vivemos. Assistiu comigo a uma Conferência na Escola Nacional de Administração, que todos os anos atribui o nome de um patrono – e este ano calhou-me a mim – que tem de falar aos alunos sobre temas respeitantes à Europa e responder às perguntas que lhe fizerem. Aproveitei a ida a Paris para jantar com Sócrates e convidei-o a assistir à minha Conferência. No final da sessão, o presidente da Ena agradeceu a presença de Sócrates e convidou-o a falar. Havia vários jornalistas na sala. Sócrates agradeceu o convite e disse que estava ali só para assistir. E fez bem! Em Poitiers, julgo que não deu

conta, de que estivesse lá alguém a filmar. Mas reconheça-se que o que disse não teve a gravidade que se atribui. O discurso que fez quando se demitiu, foi excelente e disse o que era necessário. Agora e bem está noutra.

DN - Foi um discurso que conseguiu silenciar muitas reacções?

MS - Sem dúvida, foi um discurso muito bom. Não encontrei até agora ninguém, de todos os partidos que não o dissesse. Falo com pessoas de todas as condições e de todos os partidos. Procuo ser objectivo. Creio que Sócrates saiu bem e tem-se mantido muito bem e com absoluta discrição.

DN - Se alguém pode ser visto como o pai do estado social que temos é o senhor...

MS - Ai sim?... Lembra-se da frase do Vasco Santana, num daqueles filmes de antigamente? "Vá chamar pai a outro!"...

DN - ... Como é que alguém que teve tantas responsabilidades na construção deste estado social olha para a tentativa deste Governo em disciplinar orçamentalmente a saúde, o ensino e a segurança social?

MS – Disciplinar o Orçamento é bom, mas não é tudo. As pessoas são o mais importante. Ora, os três objectivos que refere, são essenciais para Portugal e para toda a Europa. Foram o que mais contribui para dar 50 anos de bem estar aos europeus.

DN - Não se deveria tentar disciplinar?

MS – Com conta peso e medida. Deveriam encontrar-se soluções para não destruir o Estado social, e assegurar o crescimento e reduzir o flagelo do desemprego. É por isso que eu sou socialista e não economicista, nem neo-liberal.

DN - É esse economicismo que está no final da linha destas políticas?

MS - Não duvido que está no final da linha. A ideologia neo-liberal está hoje tão desgastada como o comunismo no final do século passado.



DN - Em Portugal e na Europa?

MS - Na Europa e em Portugal, melhor dito, porque é de lá que vêm – e virão – os impulsos fundamentais para o mal e para o bem.

DN - Portanto, as atitudes do Governo têm esse propósito?

MS - O Governo, julgo, tem como substrato ideológico o neo-liberalismo. A posição da Europa tem sido essa. Tenho criticado muito essa realidade que, se não for corrigida, levará a União ao abismo. Tenho-o escrito, frequentemente, nos artigos que estou a escrever no seu jornal, depois de um bom interregno. Os grandes responsáveis são a senhora Merkel, em primeiro lugar e o senhor Sarkozy, em seguida. Mas há outros, evidentemente. Ninguém se entende nas instituições europeias de hoje. É por isso que aparece um Helmut Schmidt, por exemplo, e faz um discurso excepcional e toda a gente fica a dizer: “ah, a falta que Schmidt nos faz”. Depois vem Delors e repete-se o pasmo, ou Helmut Kohl ou tantos outros menos conhecidos. Incluindo economistas, como Krugman ou Stiglitz. Estamos a caminhar num terreno resvaladiço, que é péssimo. A América está a começar a levantar a cabeça, apesar do cerco que os republicanos fanáticos têm feito a Obama. E tem advertido a Europa quanto á necessidade de mudar de paradigma.

DN - Já partilha da ideia de que Obama falhou os seus objectivos?

MS – Não. Pelo contrário. Tem havido muita pressão à sua volta, da parte dos republicanos, do Tea Party, dos grandes interesses económicos. Isso impediu-o de realizar muito do que prometera. Mas, se ganhar as eleições, e espero que sim, irá fazê-lo. A política dos republicanos, tem de mudar – é uma questão de bom senso - porque o que têm dito, até agora, leva ao desprestígio da América - não se tenha a menor dúvida. Em Portugal, a política do actual governo, relativamente ao mundo do trabalho; ao serviço nacional de saúde e em relação às conquistas sociais dos últimos 36 anos é extremamente difícil e perigosa. Os conflitos sociais vão aumentar à medida que o desemprego cresça e o crescimento económico entre em estagnação. Foram, aliás, as políticas sociais que deram tanto prestígio à Europa. Tornou-se a referência do mundo inteiro. E agora está a deixar de o ser. Não se sabe aonde vamos parar! A Europa será – se não mudar - uma coisinha qualquer dependente da Ásia ou seja: da China e da Rússia, da Índia e de outros colossos. Porquê? Porque os grandes milionários estão feitos com a

Rússia, com a China e com todos os regimes que derem dinheiro ou tiverem petróleo. Será um recuo civilizacional imenso.

DN - Mas o pano de fundo desta crise não é também esse, a extensão da melhoria de condições da China, Índia, Brasil ou África do Sul, entre outros do chamado terceiro mundo?

MS - O Brasil é diferente, porque tem uma política concreta e progressista. A China, já é outra coisa. Tenta conciliar o pior capitalismo com o pior comunismo de Estado. Uma contradição insanável, apesar das aparências...

DN - Estamos a falar de países que durante muito tempo viveram com padrões económicos *per capita* muito baixos...

MS – É certo. Tem havido progressos. Mas a China, por exemplo, tem problemas muito sérios, tal como a Rússia.

DN - Coloquemos a questão do ponto de vista global: quando estamos a olhar para a Europa vemos essa perda de riqueza mas, ao olhar para o mundo, não estamos a ver mais justiça?

MS - Não, do ponto de vista social mas no domínio da liberdade e dos Direitos Humanos talvez um pouco. A China está mais livre ou mais justa? Não é o que dizem os chineses, sobretudo os intelectuais chineses dissidentes.

DN - Agora já dizem qualquer coisa, antigamente não diziam nada.

MS – Agora já dizem, sim. Pouca coisa. Eu sou contra todas as ditaduras e a favor da liberdade. Sem liberdade política nada se passa, só se entra, a prazo, em decadência. O grave é que pode haver recuos civilizacionais. No passado, como a história nos ensina, já houve muitos.

DN - A história não é um percurso linear...

MS - Exactamente, está longe disso, tal como também está longe de se pensar que o

progresso depende só do dinheiro. Não, depende antes do mais das pessoas, das suas capacidades e inteligência. Como é que a Europa se vai aguentar se continuar a ter a inteligência e o mundo do trabalho contra? Veja o que se passou recentemente na Rússia. Tivemos a Primavera islâmica e agora o Outono Russo. Com toda a gente a manifestar-se e a afirmar o valor da democracia e de eleições sem fraudes. Ninguém o esperava. Nunca ninguém espera nada do que acontece de importante no mundo. Por isso, pergunto: o que vai acontecer à Europa se continuar como está? Vai-se destruir ela própria, disso não tenho a menor dúvida.

DN - Vai-se destruir a Europa ou apenas o sonho da União Europeia?

MS - O sonho – como diz depreciativamente - da União Europeia é o melhor, o mais importante e o mais interessante projecto político e de bem-estar social que houve no mundo desde que o mundo é mundo. Não é brincado! Ou um pequeno sonho!

DN - Não se pode também dizer que a vontade geral seja de avançar na concretização desse sonho?

MS - Mesmo que não fosse e, não considero que seja assim, a vontade geral muda com uma grande rapidez. É isso que lhe estou a dizer. Os eleitores às vezes erram. Mas depois corrigem o erro. O Hitler ganhou as eleições e veja o que lhe aconteceu.

DN - Por isso é que é preciso haver lideranças fortes?

MS – Diria antes lideranças inteligentes, sensatas e com a coragem de actuar. Lideranças fortes mas democráticas. Veja-se o que é aquela América e como é que falam aqueles republicanos, como os do Tea Party! É gente de inferior qualidade, dos quais a maior parte nunca saiu da América... O que seria aquela gente a governar o mundo? Daria o que deu até agora. Pior do que se viu com Bush, que é o responsável por muito do que se está a passar. Pode-se contrapor: foi eleito democraticamente? É verdade. É por isso que ele, apesar de tudo, está no *Texas* a repousar e não em Guantanamo...

DN - O presidente Barack Obama também não fez a revolução que prometia e acabou por dar esta força aos mercados e a desregulação da economia?

MS - Não creio que Obama esteja a facilitar, como diz, os mercados especulativos ou as agências de *rating*. Pelo contrário, tem feito o que pode, dada a relação de forças que existe na América. Obama tem vindo a fazer muitos apelos para que a Europa não caia no alçapão para onde caminha: o abismo. Não sei se as pessoas têm consciência perfeita disto?

DN - Porque é que os líderes europeus não estão a ver a gravidade do momento?

MS - Porque não querem ver. E o pior cego é o que não quer ver. Porque têm interesses, que para eles estão acima do resto.

DN - Que interesses?

MS - Interesses materiais, económicos obviamente. E ganham muito com isso. As desigualdades – veja o caso português – estão cada vez maiores. Para mim, como democrata, considero isso, uma vergonha.

DN - Não são interesses nacionais!

MS - É muito discutível que sejam. Nunca se passou tão mal na Europa como agora! Não se ganhou nada, está-se a perder, porque os economicistas perceberam que precisam da comunicação social e servem-se dela para não mudar as coisas. A comunicação social tem muita responsabilidade na desagregação a que se tem assistido na União Europeia. Por exemplo, fala-se em reformas mas o que se vê são contra-reformas...

DN - Acha que a comunicação social está sujeita a um plano?...

MS – Não sei nada desse tipo de planos ou de conspirações...

DN - A informação que circula vai no sentido de...

MS - Sabem, seguramente, como eu, que hoje a comunicação social é regida pelos grandes magnatas da finança. O exemplo de Murdoch, que mandou fazer tantas ilegalidades, é paradigmático. Mas só agora é que se vieram a saber. Com grande distância no tempo! São, no entanto, responsáveis por muito daquilo que de mau se

passou no Reino Unido, que é um país, hoje, em manifesta decadência. E ainda vai ficar mais, porque esta decisão, sobre o euro, do primeiro-ministro Cameron vai ser dura para eles...

DN - Será fatal para David Cameron?

MS - Não direi fatal, mas dura. Com certeza...

DN - Como vê o papel do presidente da Comissão, Durão Barroso, com um outro tipo de intervenção neste momento?

MS – Parece que ao fim deste tempo todo, percebeu que estava a ser completamente posto fora de jogo e a perder toda a influência. Fez um ou dois discursos interessantes em que parecia o antigo líder do MRPP a falar, com o entusiasmo com que o conheci à época. Para bem da Europa, oxalá que tenha a coragem de lutar para salvar o euro e impedir a degradação da União, para se manter o projecto político de paz, de justiça social, de bem-estar e da solidariedade que sempre foi o da Comunidade Europeia.

DN - Apesar de não ser formado em economia, a sua experiência dá-lhe possibilidade de enunciar as três medidas essenciais para tirar a Europa deste sufoco. O que sugere: eurobonds; maior capacidade do Banco Central Europeu em imprimir moeda?...

MS – É verdade. Não sou formado em economia. Mas nem só de economia vivem os homens. Desculpem dizer isto. Não sei se é totalmente verdade o que digo a seguir. Tenho a impressão de, pelo menos, em Portugal, ter sido dos primeiros a escrever que era preciso fazer com que o Banco Central Europeu imprimisse moeda. E se o tivessem feito, como a América ou o Reino Unido, estaríamos agora noutra situação. Muito melhor, seguramente.

DN - Teríamos uma inflação maior!

MS – Inflação, com certeza. Mas isso não tem importância, em períodos de depressão como é o nosso. Mas, claro, teríamos mais inflação. É isso o que não quer a senhora Merkel. Mas não teme outra coisa pior: a recessão e o aumento inaceitável do desemprego. A Alemanha já começa a sentir a necessidade de mudar de estratégia.

DN - Para além de imprimir dinheiro, o que sugeriria mais para recuperar o euro?

MS - No dia em que houver dinheiro europeu a circular, o euro será a moeda mais forte do Mundo! Esse é um dos problemas sérios que nos afectam.

DN - Mas precisa do respaldo da economia alemã através dos eurobonds?

MS - Os eurobonds teriam sido uma grande possibilidade para ter acabado com a crise na Grécia e na Irlanda. Hoje, este último país fez uma proposta curiosa do género: 'pagamos os juros e acaba-se com a dívida'. Há várias coisas que vão acontecer na União Europeia. Mas o mais interessante não é já o que se passa na Grécia, na Irlanda ou em Portugal. Em Janeiro a questão mais grave é da Itália. Depois de Janeiro vêm outros meses difíceis. Adite-lhe a Espanha e talvez a França. Vai ser um sarilho no mundo. Terrível!

DN - Se acontecer ao mesmo tempo, não há capacidade?

MS – É o que apetece dizer. Mas considero que os problemas do homem sempre encontraram soluções. Vamos ter de mudar de estratégia, acabar com os mercados especulativos ou melhor: regularizá-los. Pôr fim às agências de *rating*, que se atrevem a dizer que os bancos são lixo ou que, só por ameaçarem “tirar um A”, alteram a economia de um Estado soberano. Ameaçam tirar um A e Sarkozy fica a tremer. Pensará talvez: “Perco as eleições se me tiram um A”... É a inversão de tudo, o que estamos a assistir. É inaceitável! Temos de mudar de sistema!

DN - As agências de notação financeira, que estão agora a ser tão diabolizadas, não cuidam também do interesse dos investidores?

MS - Dos investidores ultra-milionários e especulativos. Eu não sou investidor nem a maior parte dos portugueses. Essas empresas não cuidam de ninguém, a não ser dos patrões, que dominam os mercados, e que lhes dão as ordens que querem.

DN - Mariano Rajoy vai ter a vida muito complicada já nos próximos meses?

MS - Estou convencido que sim. Como amigo de Espanha, tenho pena dele. Não gostaria

de estar na sua pele.

DN - As medidas do nosso Governo não vão ser benéficas para a evolução de Espanha e, por arrasto, Portugal também poderá ser prejudicado?

MS – Creio que sim. A nossa economia está muito estreitamente dependente da economia espanhola. Portanto, vai ser para nós um encargo suplementar.

DN - Como é que viu a Primavera árabe?

MS - A Primavera árabe foi um fenómeno inesperado e inicialmente extraordinário, sobretudo na Tunísia. Um acontecimento excepcional que incendiou o mundo árabe e todos pensavam - eu também - que iria proporcionar uma enorme revolução democrática naquele mundo. Até agora, por circunstâncias diversas, não foi. A verdade é que no Egipto há uma situação muito difícil, uma guerra entre os militares e os islamistas; na Líbia, há uma situação extremamente complexa em função da demorada e inútil resistência de Kadafi; a Síria está muito mal, pela mesma razão. Quanto aos países da Região que estão melhor, eles vão pensar no que viram e, estou convencido, de que tirarão daí uma grande lição cívica, que se reflectirá em todo o mundo islâmico. Ora isso é bom para nós, europeus, uma grande lição no sentido da democracia, da liberdade e da necessidade de ter respeito e atenção pelos respectivos Povos.

DN - O instinto fundador desse movimento não pode vir a ser aproveitado pelo islamismo mais radical para tomar conta do poder?

MS - Pode. Basta ver o exemplo da Revolução Francesa. Houve um pico, depois um abaixamento, o período napoleónico e, finalmente, a normalização democrática. É assim que a história nos ensina. Por isso, quem tem ideais sólidos, nunca deve desesperar.

DN - Não se esperava que o islão tivesse esta força eleitoral. Surpreendeu-o?

MS – De certo modo, sim. Conheço razoavelmente bem a Tunísia. Conheci o grande fundador, Bourguiba, já um pouco decadente mas lúcido e depois Bem Ali, antes de ser um tirano. Conheci Kadafi e Mubarak, pessoalmente, bem como o Presidente Bouteflika

e o rei de Marrocos Hassan II e agora Mohammed VI.

DN - Nunca esteve na tenda de Kadafi?

MS - Não. Quando o encontrei, após a Revolução dos Cravos, ele ainda não tinha tenda, estava num quartel, inóspito e feio, no meio do deserto. Foi quando eu era ministro dos Negócios Estrangeiros e ele estava no início da Revolução Verde. Era então jovem e tinha bom aspecto...

DN - Na fase final não o encontrou?

MS – Não. Nunca mais. Acho que se tornou um tirano odioso. Viu-se com o caso do avião da Lockerbie de que no Ocidente tanto se falou. Depois – o petróleo obriga - puseram-no nos píncaros só porque disse que era contra o terrorismo islâmico.

DN - Deu jeito ao mundo ocidental que Kadafi se mantivesse no poder?

MS - A um certo mundo ocidental. Porque só quem ganhou foi a França, a Inglaterra e talvez a América. De qualquer modo, Obama teve bastante importância no que aconteceu com Ben Ali e Mubarak. Não teria havido o que houve na Tunísia nem no Egipto se não fossem as posições tomadas por Obama.

DN - Surpreendeu-o o peso eleitoral que o Islão teve nestas eleições no Egipto?

MS – Certamente. Mas resta saber se são actos eleitorais verdadeiros ou se foram como o dos russos.

DN - Os observadores, em princípio, dizem que não.

MS – Oxalá que sim.

DN – Surpreendeu-o que a busca pela democracia fizesse regressar o radicalismo?

MS – Não. O que é curioso é que há islâmicos que são a favor da democracia; que não tornaram a democracia antagónica à religião. Poderia pensar-se que a religião islâmica



era antidemocrática, mas não. Já vimos tanta coisa no mundo que tudo pode acontecer, por isso ou queremos olhar para a frente ou não se avança. Quando foi do colapso do comunismo, tivemos a percepção e a ideia de que tudo podia avançar; que podia ser a liberdade e o progresso. Nem sempre foi.

DN - Um dos casos do ano foi a morte de Ben Laden. Teve alguma importância no cenário mundial?

MS - A maior. No sentido em que ele é o responsável por ter produzido um dos feitos mais maléficos e extraordinários do princípio deste século. Demonstrou a vulnerabilidade da América através da destruição das Torres Gémeas [World Trade Center em 2001]. Foi um desastre tremendo e horrível.

DN - Foi uma acção criminosa?

MS – É uma pergunta sem sentido. Absolutamente criminosa. O Ben Laden para mim sempre foi um doido, na melhor das hipóteses para ele, e um doido criminoso.

DN - A sua morte poderá acentuar esse movimento criminoso?

MS - Não, pelo contrário, acho que o vai destruir. Ele já deveria ter sido morto há mais tempo. Não fiquei nada aflito, eu que sou um humanista e não gosto de mortes. Mas se ficasse preso isso não só seria terrível como alimentaria muitas especulações. É preciso ter bom senso nestas coisas. Encontraram-no, mataram-no e acabou.

DN - Já a morte de Kadafi, merece-lhe outras considerações?

MS - Não. Merece-me mais ou menos uma consideração semelhante. Kadafi, a prolongar-se, teria sido também uma tragédia. Assim, acabou-se.

DN - Continua a ser um optimista quando olha para o mundo?

MS - Continuo a desejar que o mundo melhore. E estou convencido de que vai melhorar.

Não obstante ser realista, no sentido em que penso que está quase tudo mal neste momento! Mas também esteve assim noutras alturas históricas, durante as duas últimas guerras mundiais, por exemplo. Agora, o que vai sair daqui? Da crise global que vivemos? Esperemos que seja o melhor! Nós, que vivemos num país que já fez a sua revolução, pacífica, democrática e sem violência, estamos em condições para dizer: “alto lá”. Porque se vamos pensar só na austeridade, é austeridade a mais. E, então sim, teremos problemas muito sérios.

DN - Foi errado adiar a adesão da Turquia à União Europeia?

MS - Foi. Sempre fui contrário à posição francesa. Sempre fui a favor da entrada da Turquia na União Europeia. A França cometeu um grande erro. Digo-o desde sempre. Quando era deputado europeu disse-o várias vezes e tive várias conversas com turcos, por causa disso.

DN - A União Europeia poderia ir, no limite, até aos Urais?

MS - Que os países saídos da União Soviética gostariam de mais do que isso não tenho dúvida. Mas acho que os alargamentos foram um pouco precipitados para a União Europeia. Sem que o modelo institucional os acompanhasse. O ponto de viragem foi Maastricht, em 1992, o grande pulo em frente da Europa como unidade. A Europa como conjunto de Estados solidários, na igualdade e no pluralismo democrático. Foi um passo maior, que falhou quando era preciso passar para os “Estados Unidos da Europa”, como queriam os Pais Fundadores, com um governo federal.

DN - Aprofundar a União ao nível financeiro, económico e do federalismo?

MS – E também político e social. Quando fui deputado europeu disse, publicamente, que era a favor do federalismo e que era a favor da existência de um imposto europeu para passarmos à fase de um governo europeu. Isso foi impopularíssimo. Eu sabia que o era. Portanto, não foi um argumento de campanha. Era o que eu pensava genuinamente. E ainda penso.

DN - Ainda estaremos a tempo de fazer esse caminho, agora pressionados pela crise financeira?

MS - Acho que sim. A questão é que haja vontade política entre os dirigentes europeus.

DN - Mesmo quando os governos de esquerda na Europa praticamente acabaram. Foi um ciclo que vai voltar?

MS - Não tenho a menor dúvida. Se não voltasse era a desgraça da desgraças! Aliás, a última reunião do Partido Socialista Europeu - ou Social Democrata, não sei como é que se chama já - foi muito interessante porque os alemães mudaram de opinião e estão contra a política da senhora Merkel; querem que se faça uma política pró-europeia, como os verdes! Vai haver eleições em 2013, talvez sejam antes. Não se sabe nunca!

DN - De repente as questões ambientais desapareceram da agenda.

MS - É outra vergonha! Desapareceram da agenda porque é fabricada por gente que só quer o seu interesse imediato e pessoal e não pensa no futuro. Não tem visão do futuro. Pensam que isto do aquecimento da Terra, pode ser muito grave mas, se morrerem umas tantas pessoas é a regra da selecção natural... O grande mal dos economicistas é que pensam que a economia, é como a selecção natural. Os animais mais fortes comem os mais fracos. Eu penso que, realmente, eles acham que quem é inteligente ganha dinheiro e que os outros que não ganham é porque não são capazes e porque são estúpidos, e então morrem. Eu não penso assim. Pelo contrário, não há nenhuma selecção natural em matéria política.

DN - Fala de economicismo com algum desprezo...

MS - Não, não! Limito-me a criticar uma ideologia que já deu o que tinha a dar.

DN - Os países não devem habituar-se a viver de acordo com as suas possibilidades?

MS - Devem, tanto quanto possível. E se não for possível? Em todas as revoluções houve problemas de dinheiro e todas se resolveram com o tempo. Os economicistas sabem bem, fazer contas. Mas esquecem as pessoas. Esquecem-se – por exemplo - como estava a Rússia quando lá chegou o Lenine e, depois, Estaline. Morreram de fome? Realmente, morreram bastantes e nos *Gulags*. Mas permitiram que ganhássemos a Segunda Guerra Mundial e a Democracia. As coisas mudam por força da vontade dos homens e não pelos

números. É a minha posição.

DN - Choca-o esta política em que se fala de que é preciso o empobrecimento do país?

MS – Absolutamente. Trata-se de um erro fatal. Sem desculpa!

DN - Este momento marca definitivamente o afastamento ideológico entre o PS e o PSD?

MS - Não se pode dizer isso porque há muita gente do Partido Social Democrata que, como se sabe, está muito crítico pela forma como este Governo tem estado a governar. Sem uma estratégia clara para o futuro.

DN - Há vozes que, publicamente, têm-no feito.

MS - E de uma maneira clara. E há outros que o não têm feito mas pensam, o que é ainda mais grave para o Governo. Sabem que eu gosto do Passos Coelho, acho-o sério, inteligente e simpático.

DN - Ele tem falado consigo?

MS - Agora, há muito tempo que não fala, mas durante a crise falou várias vezes. Após ser primeiro-ministro convidou-me já uma vez para ir falar com ele e almoçarmos. Portanto, ele tem boas relações comigo. Mas, quando o ouvi dizer que daqui a 20 anos estamos pior que hoje, fiquei alarmado. Quem é que vai aceitar uma coisa destas?! Para que estamos a fazer este sacrifício de apertar o cinto – e de que maneira - se é para ficarmos pior?! As pessoas ficam desorientadas!

DN - Passos Coelho partilha da tal visão economicista?

MS – Sem dúvida. É de formação economista e, suponho, ideologicamente, economicista.

DN - Essa minoria silenciosa que no PSD já critica o governo não vai...

MS - Não é só no PSD! É no PSD e no CDS. Veja-se que o CDS/PP está a recuperar paulatinamente a sua matriz cristã no que se refere à doutrina social da Igreja.

DN - Como é que viu o caso do BPN [Banco Português de Negócios]. Foi vendido e caso encerrado; é um simples caso de polícia ou ilustrativo de um período da vida política e pública portuguesa?

MS - É muito significativo da infeliz justiça que temos. Há coisas estranhíssimas. Porque é que só agora se soube do “buraco financeiro” enorme que Duarte Lima deixou no BPN? Três ou quatro anos depois de rebentar o escândalo? Quando no Brasil estava a ser acusado de homicídio? E, de repente, é preso, em Portugal, pelo que terá feito no BPN, quando há outros suspeitos em liberdade? Que justiça é a nossa? Não deveria uma tal questão ser discutida? Ninguém o fez, nem nos jornais, nem na Assembleia da República...

DN - Para além dessa dimensão?...

MS - Para além dessa dimensão, ninguém fica a perceber nada de nada...

DN - No caso BPN?

MS - E noutros casos. Mas neste com certeza. Tal como no BPP também não estou a perceber nada.

DN - Estranha a concentração de elementos do PSD que têm tido problemas no caso BPN?

MS – Nesse, como noutros casos, só sei o que leio nos jornais. E, como lhe disse, não compreendo nada. Sobretudo quando se fala tanto em transparência...

DN - A discussão do momento em Portugal é saber se, correspondendo ao apelo do último Conselho Europeu, Portugal deve constitucionalizar ou não limites à dívida e ao défice. Pensa, como Cavaco Silva, que isso também ia limitar a soberania do País?

MS – Acho que se trata de uma discussão sem sentido. São precisos dois terços dos votos para mudar a Constituição. Ora o PS já disse não estar de acordo em mudar o texto constitucional.

DN - O Partido Socialista ainda não disse que não faz.

MS - Disse, disse. Tanto quanto sei.

DN - Disse que aceitaria na lei do enquadramento.

MS – Que eu saiba, não.

DN - Nem a lei do enquadramento do défice?

MS - Não, acho que não! Eu pessoalmente sou contra. Mas não falei com ninguém sobre esse assunto.

DN - Vê que possamos ter distúrbios nas ruas em consequência deste ambiente político?

MS – É uma possibilidade real e perigosa. Devia evitar-se. Houve grandes problemas na Grécia, na Irlanda; vai haver com enorme possibilidade, grandes problemas na Itália e talvez na Espanha, na França e até na própria Alemanha. Porque é que não haverá em Portugal? Somos uma excepção? Não é natural que sejamos... Infelizmente.

DN - Considera que o ministro Paulo Portas está a ter uma atitude política muito concertada ou a utilizar uma visão estratégica para não se “queimar” com esta política de austeridade?

MS – Não me parece correcto – nem útil - fazer análises políticas dos líderes em função, sobretudo hipotéticas. Paulo Portas não será excepção.

DN - Mas como ministro tem tido uma actividade intensa, que pode ser boa para Portugal?

MS – Admito que sim. Mas ignoro o que tem conseguido em concreto da tal “democracia económica”.

DN - Está em cima da mesa um agressivo caderno de privatizações com a EDP, a REN, a

RTP. Como é que olha para este quadro?

MS – Sou contra as privatizações do que chamamos “jóias da coroa”. Receio que se vão os anéis e os dedos com eles...

DN - Em relação à comunicação social, é adepto de que o Estado continue a ter um edifício empresarial no âmbito da inclusão?

MS – As privatizações da RTP – ou de parte dela – pode ser um desastre, sem vantagens claras a não ser, porventura, para os que fizerem o “negócio”...

DN - Lançou recentemente o livro “Um político Assume-se”, onde faz uma viagem pelo Portugal que mudou radicalmente nos últimos 36 anos.

MS - Era esse um dos meus objectivos. E mudou em função da política e em favor das pessoas. Somos hoje uma sociedade completamente diferente do passado e a mudança foi para muito melhor. Incomparavelmente.

DN - Ainda tem mais livros para escrever?

MS – Penso que sim. Veremos. Mas serão muito diferentes deste último. Enquanto se está vivo, pensa-se e escreve-se. Eu gosto de escrever, basta ver os livros todos que já publiquei para o entender, bem como os artigos na comunicação social, como é o caso do Diário de Notícias, conferências, etc....

DN - Se não tivesse sido político, teria sido escritor.

MS – Talvez. Quem sabe. Mas não vale a pena especular sobre o que não foi... Não me queixo da vida que tive. Bem pelo contrário.

DN - Este livro tem uma fluência de escrita surpreendente. Como o conseguiu?

MS - Algumas pessoas têm-me dito isso, talvez por amabilidade. Mas não sei. Nem é a

mim que compete dizer. Eu gosto de escrever – isso é certo - e faço-o com facilidade, talvez demasiada.

DN - Ainda escreve à mão?

MS – Sempre – e só - à mão. As minhas duas secretárias passam os textos a computador e percebem a minha letra melhor do que eu próprio...

DN - Nunca pensou em escrever um romance?

MS - Pensei várias vezes, até na cadeia de Caxias, onde comecei a escrever uma vez um romance. Mas depois saí da prisão e desapareceu a vontade. Já nem sei onde o pus. Nem se o guardei ou não, mas ainda foram muitas páginas...

DN - Não gostou dele?

MS - Era mau. Pelo menos essa foi a ideia com que fiquei porque tinha dois grandes amigos – o Joaquim Barradas de Carvalho, historiador, e o Carlos de Oliveira, um grande poeta e escritor – que aceitaram dar uma opinião sobre o que eu escrevera. Estávamos a falar: “ah, fizeste um romance?”; “fiz, mas não acabei, não sei se vou terminar porque tenho tanta coisa que fazer agora”... E, então, resolvemos fazer um jantar, em casa do Barradas, e ele disse: “Vamos jantar e lê-los o romance para te darmos uma impressão”. Disse-lhes: “Digam o que acham; se vos parece que isto deve ir para a frente?” Jantámos, aliás, opiparamente e depois eles sentaram-se em dois maples e eu comecei a ler o livro. Só que a certo momento, talvez um quarto de hora depois, eles estavam os dois a dormir.

DN - E desistiu?

MS - Nunca mais peguei no raio do romance! Apaguei-lhes a luz e fui-me embora. Estavam ambos a dormir regaladamente... No dia seguinte, justificaram-se: “tinham comido muito bem e que o sono não tinha nada a ver com o livro”. Eu só lhes disse: “Se isto fosse bom e interessante, Vocês não adormeciam”.

DN - Um dos episódios que conta com mais nitidez é o seu passado no PCP. Os leitores não estão à espera de recordar “quando eu fui comunista”.



MS - Mas fui! Depois do 25 de Abril nunca escondi isso porque foi importante para a minha formação. Fui comunista entre 1942 e 1949, até ao princípio da Guerra Fria. Percebi que a doutrina tinha pouco a ver com a realidade. Não me servia. Mas também, houve vários episódios que me desagradaram e que conto no livro, como o problema que me foi posto durante a campanha de Norton de Matos.

DN - Outro dos episódios a que dá relevo é a aliança que faz com o patriarca D. António Ribeiro...

MS – Não foi “aliança”, foi um acordo objectivo perante uma situação difícil. A Igreja e o Cardeal deram um grande auxílio ao Partido Socialista, na altura. Lembrei-me da Fonte Luminosa. O Patriarcado chegou a ser cercado e D. António Ribeiro teve que pedir auxílio às forças de segurança, numa época em que ninguém tinha força para impedir essas acções. O PS organizou uma contra-manifestação que pôs fim à manifestação dos esquerdistas contra o Patriarcado.

DN - O Patriarcado viu o PS como defensor da verdade democrática?

MS – O PS era um aliado objectivo da Igreja que estava a ser atacada. Na defesa da Rádio Renascença, por exemplo. Conheci o Patriarca em Roma, ainda estava no exílio. Ele quis-me conhecer nos anos 70 e houve um amigo, socialista, que vivia em Roma, nessa altura, e nos juntou. Fui, falei com o D. António Ribeiro e, muito tempo depois, quando escrevi o Portugal Amordaçado, mandei-lhe o livro. Ele agradeceu-me, mas como ele era espiado pela PIDE, o livro, antes de entregue, foi fotocopiado.

Ficámos sempre com boas relações porque o Patriarca era simpático, crítico da ditadura e, por isso, quando se deu essa história da grande manifestação em que pedi a demissão do general Costa Gomes, que era então o Presidente da República, uns dias antes do 25 de Novembro, fui falar com ele. Quem me levou até ele, ao sítio do encontro, que não foi no Patriarcado, foi Maria de Lourdes Pintasilgo, que era muito católica. O Patriarca sabia que eu não era nada religioso, como continuo a não ser. Disse-lhe: “Senhor Patriarca, isto vai muito mal; estamos a caminho de uma guerra civil. Nós vamos fazer uma grande manifestação, tem que ser imponente, e o senhor podia dar-nos um auxílio”. Por exemplo: dizer aos párocos para que os fiéis possam ir lá à manifestação. E assim foi, pois vi lá muitos e foi a maior manifestação de sempre. Na qual a Igreja teve o

seu papel.

DN - No livro conta bastantes casos. Houve algum que ainda não está na altura de contar?

MS - Escrevi aquilo assim, foi o que me lembrou. É possível que me lembrem outras coisas ainda, mas não tenho tenções de voltar a escrever sobre esta matéria.

DN - Mas há coisas de que nunca falou nem nunca falará?

MS - Não, não tenho segredos mortais. Depois de ter tido aquele debate com o Cunhal; depois de ter vivido tudo o que vivi, não há segredos. Talvez haja pequenas historietas picantes, durante o PREC e não só.

DN - Não pretende voltar a escrever assim...

MS – Assim não! Agora quero escrever noutro registo. Histórico ou literário. Não sei.

DN - Mas os leitores gostariam de saber mais!

MS - Os portugueses têm neste livro, em matéria política e ideológica, o que acho essencial. O que é que posso acrescentar a isso? Muito pouca coisa.

DN - A incursão no romance está, portanto, posta de parte?

MS – Acho que sim. Não criei ofício para tanto, no tempo próprio. Veja. Tive de interromper este livro três ou quatro vezes, por viagens ou outras razões. Inclusive publiquei dois outros livros durante este período.

DN - Como é o seu método de trabalho para relembrar os acontecimentos?

MS - É tudo de memória, mais ou menos, e quando tenho dúvidas pergunto em minha Casa ou à minha secretária um nome de uma pessoa que me falha ou de um evento que esqueci. Investigam e dizem-me.

DN - Um dos contributos inesperados são as memórias de Carlos Brito!

MS - O Carlos Brito é importante. Pelo que viveu e conheceu. O livro dele é muito interessante. Gostei imenso de o ler. Já o leu? É muito curioso e inesperado. Li-o e reli-o. Já lhe disse isso, pessoalmente e já lhe mandei o meu livro. Carlos Brito é um político, com grande experiência, inteligente, bem formado. Houve uma altura, no entanto, em que quase não nos falávamos. Quando, eu era o inimigo público número 1.

DN - Carlos Brito até critica o Cunhal veementemente por decidir não o apoiar na candidatura à Presidência!

MS – É natural. Lembre-se que teve de fazer um Congresso para mudar de posição quanto à minha Candidatura! Mas a verdade é que mudou a posição do PCP e eu ganhei as eleições. Senão, não ganhava, não tenho a menor dúvida! Porque, realmente, todos votaram segundo ele disse: puseram a mão em cima da minha fotografia e votaram tranquilamente em mim, em boa consciência...

Lisboa, 26 de Dezembro de 2011